

**DO IDEALISMO AO MATERIALISMO HISTÓRICO: NOTAS SOBRE A
CONCEPÇÃO DE IDEOLOGIA EM MARX E ENGELS**

**FROM IDEALISM TO HISTORICAL MATERIALISM: NOTES ON THE
CONCEPTION OF IDEOLOGY IN MARX AND ENGELS**

*Tairine Ferreira Pimentel**

RESUMO

Karl Marx foi um autor que contribuiu com várias áreas do conhecimento: história, economia, filosofia, sociologia, ciência política, antropologia, geografia etc. A principal importância teórica desse autor foi ter desenvolvido a categoria “trabalho” enquanto categoria analítica essencial do seu pensamento, possibilitando reflexões de relevâncias para compreender as relações sociais existentes dentro do sistema capitalista de produção. O presente artigo tem como objetivo geral analisar o conceito de ideologia em Karl Marx e Engels. Dessa forma, tentarei aqui, inicialmente, contextualizar as concepções idealista e materialista em Hegel e Marx; em seguida e mais importante, reconstruir uma compreensão de como esses analisam a questão da ideologia no conjunto das suas obras a partir de alguns conceitos como: classe social, divisão do trabalho social, alienação, Estado e dominação. Por fim, me proponho a uma breve reflexão sobre o atual contexto político do Estado brasileiro, à luz da interpretação marxista de “ideologia”.

Palavras-chave: Ideologia. Trabalho. Materialismo. Idealismo.

ABSTRACT

Karl Marx was an author who contributed to various areas of knowledge: history, economics, philosophy, sociology, political science, anthropology, geography, etc. The main theoretical importance of this author was to have developed the category “work” as an essential analytical category of his thinking, enabling reflections of relevance to understand the social relations existing within the capitalist system of production. The present article has as its general objective to analyze the concept of ideology in Karl Marx and Engels. Thus, I will initially try to contextualize the idealistic and materialist conceptions in Hegel and Marx; and then, more importantly, to reconstruct an understanding of how they analyze the question of ideology as a whole of their works from concepts such as social class, division of social labor, alienation, state and domination. Finally, I propose a brief reflection on the current political context of the Brazilian state, in the light of the Marxist interpretation of “ideology”

Keywords: Ideology. Job. Materialism. Idealism.

* Mestra em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco. Aluna bolsista do Programa de

Educação Tutorial de Ciências Sociais (PET-CS) no período de 2014-2018. Tem interesse em áreas temáticas : Sociologia da Religião e Gênero, Ecumenismo de Ativismo Social, Diálogo Inter-Religioso, Relações Raciais, Psicanálise e Política. Atuou enquanto Analista de Projetos Sociais na Frente de Pós-Compensação Financeira do Programa de Compensação Financeira e Apoio à Realocação da Braskem Maceió. Trabalhou na Comissão de Heteroidentificação Racial da Universidade Federal de Pernambuco, na condição de avaliadora em bancas para validação da autodeclaração prestada por candidatos(as) inscritos(as) no sistema de cotas para pretos(as) e pardos(as) nos Sistema de Seleção Unificada ? SiSU, e processos seletivos e concursos públicos na UFPE, tendo prestado este serviço ao longo do ano de 2020. Contato: tairineferreira@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O que é ideologia? E como essa noção vem sendo aplicada na atualidade? No recente contexto social brasileiro, encontramos esse conceito sendo propagado em diversos campos: desde o meio midiático, cultural, religioso e, sobretudo, político. Exemplo disso são as polêmicas em torno da apropriação da concepção de “ideologia de gênero”, que ganhou corpo e voz e mobiliza politicamente muitos sujeitos dentro do círculo político-religioso, assim como as concepções de “ideologia comunista” ou “ideologia esquerdista”. Essas noções de ideologia são interessantes para se pensar em como esse conceito pode ser polissêmico e vem sendo apropriado de maneiras distintas por inúmeros campos na sociedade, como o meio científico e a política.

Filosoficamente, as primeiras reflexões em torno da noção de ideologia aparecem na Grécia Antiga (KONDER, 2002), contudo, *ideologia* é um conceito que dialoga com outras áreas do saber, como a psicanálise, a história e a sociologia. Tendo em vista a dimensão polissêmica do termo, o presente trabalho se voltará para uma explicação sociológica¹. Nesse sentido, tentaremos a partir dessas temáticas expostas analisar como aparece o termo ideologia na obra “Ideologia Alemã”, dos filósofos Karl Marx e Friedrich Engels.

Marx e Engels, no entanto, não desenvolveram tão amplamente essa noção como fizeram com outras questões. Dessa forma, tentarei aqui, inicialmente, contextualizar as concepções idealista e materialista em Hegel

¹ Em suas obras percebemos que a dimensão do pensamento de Marx é fronteiriça, ou seja, pode ser interpretada no campo da economia, história, filosofia e sociologia. É interessante pensar no porquê o campo sociológico o instituiu como pensador clássico, visto que o próprio Marx nunca se considerou sociólogo, inclusive, o mesmo acusava a sociologia de ser uma “ciência burguesa”.

e Marx; em seguida e mais importante, reconstruir uma compreensão de como esses analisam a questão da ideologia no conjunto das suas obras a partir de alguns conceitos como: classe social, divisão do trabalho social, alienação, Estado e dominação. Por fim, me proponho a uma breve reflexão sobre o atual contexto político do Estado brasileiro, à luz da interpretação marxista de “ideologia”.

CONCEPÇÕES IDEALISTA E MATERIALISTA EM FRIEDRICH HEGEL E KARL MARX

Karl Marx foi um autor que contribuiu com várias áreas do conhecimento: história, economia, filosofia, sociologia, ciência política, antropologia, geografia etc. A principal importância teórica desse autor foi ter desenvolvido a categoria “trabalho” enquanto categoria analítica essencial do seu pensamento, possibilitando reflexões de relevâncias para compreender as relações sociais existentes dentro do sistema capitalista de produção. Segundo alguns pesquisadores do pensamento de Marx, o autor se divide em duas fases: “o jovem Marx”, que ainda era fortemente marcado pela filosofia, ou seja, o Marx filósofo que elaborou o conceito de alienação; e “o velho Marx”, ou a fase economista do autor².

A partir do método dialético de Hegel, podemos perceber que o conceito de dialética já foi discutido pelos filósofos pré-socráticos (KONDER, 2002). Marx formulou seu materialismo histórico e dialético, criticando o idealismo de Hegel e sua tradição, pois ele acreditava que a dialética do Hegel estava “de cabeça para baixo” (para Hegel o pensamento é que determina a vida), em contrapartida, Marx explica o movimento a partir das relações materiais, ou seja, o modo de vida é que explica o pensamento.

Foi a partir das ideias propostas por Hegel que Marx passou a elaborar criticamente o conceito de ideologia. Foi na obra *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, escrita por volta de 1843, que Marx divergiu do modo

² Não há um ponto pacífico entre os marxistas acerca do corte epistemológico entre o jovem e o velho Marx, pois o autor que consagrou essa diferenciação na obra marxiana foi o filósofo Louis Althusser.

que Hegel³ analisa a relação do Estado com a sociedade civil.

A filosofia alemã dos autores Strauss e Stirner, limitou-se a realizar uma crítica das representações religiosas, tendo em vista que durante muito tempo a religião foi uma instituição intocável e era responsável por explicar absolutamente o mundo da época. Para esses filósofos a religião foi vista e tratada definitivamente como uma inimiga mortal, como a causa de retrocessos sociais para esses filósofos.

O materialismo histórico e dialético elaborado por Marx e Engels teve suas primeiras ressonâncias nos teóricos do movimento operário, como chave de análise e de intervenção política da realidade sócio-histórica de cada sociedade. Posteriormente, a sua teoria de análise da sociedade que ficou conhecida como materialismo histórico foi aplicada por algumas correntes como um método de estudo para analisar a realidade social⁴.

Talvez, seja por essa razão que podemos pensar uma teoria sociológica de base marxista. Marx, apesar de ser um seguidor da esquerda hegeliana, adotará esse método, porém, sua postura será crítica diante do mesmo, isto é, criticará o idealismo filosófico alemão, pois percebia que diante da limitação do que foi a vida política de Hegel, seu pensamento tinha algumas distorções na maneira de enxergar e interpretar a realidade social concreta dos trabalhadores.

Para Marx, a crítica alemã não conseguiu abandonar o terreno da filosofia. O ponto de partida do sistema de pensamento de Karl Marx é uma crítica absoluta de toda filosofia hegeliana, como ele deixa claro na obra *A Ideologia Alemã*. Vejamos:

Totalmente ao contrário do que ocorre na filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se ascende da terra ao céu. Ou, em outras palavras: não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, e tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos

³ Marx vinha de um período de quase uma década na corrente que ficou conhecida por esquerda hegeliana a qual faziam parte os filósofos David Strauss, Bruno Bauer, Arnould Ruge, Moses Hess, Max Stirner e Ludwig Feuerbach.

⁴ O que convencionou como corrente política e filosófica (ou filosofia da práxis) de intervenção revolucionária como conhecido marxismo clássico, posteriormente depois do fracasso da revolução alemã em 1923, surgiu o que se conhece como marxismo ocidental que fez suas análises materialista dialética amparado no mundo da dominação do capitalismo, através superestrutura.

homens em carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. E mesmo as formações nebulosas no cérebro dos homens são sublimações necessárias do seu processo de vida material, empiricamente constatável e ligado a pressupostos materiais. A moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, assim como as formas de consciência que a elas correspondem, perdem toda a aparência de autonomia. Não têm história, nem desenvolvimento, mas os homens, ao desenvolverem sua produção material e seu intercâmbio material, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar (MARX; ENGELS, 1986, p. 37).

Isto é, na perspectiva de Marx não seria a consciência que determina a vida social, mas a vida que determina a consciência. Na perspectiva da análise de Hegel o mesmo partia da consciência do próprio indivíduo, porém, para Marx a análise se dava aos indivíduos inseridos no modo de vida. Ou seja, há um deslocamento da dialética idealista para a perspectiva materialista, como podemos ver:

Não se trata, como na concepção idealista da história, de procurar uma categoria em cada período, mas sim de permanecer sempre sobre o solo da história real; não de explicar a práxis a partir da ideia, mas de explicar as formações ideológicas a partir da práxis material; chegando-se, por conseguinte, ao resultado de que todas as formas e todos os produtos da consciência não podem ser dissolvidos por força da crítica espiritual, pela dissolução na “autoconsciência” ou pela transformação em “fantasmas”, “espectros”, “visões”, etc. (MARX; ENGELS, 1986, p. 56)

Será na sua obra principal, *O Capital*, especificamente no capítulo “A Mercadoria” que o autor irá observar o valor de uso e valor de troca a fim de mostrar a mercadoria imbuída de tempo de trabalho social, vejamos:

Esta redução aparece como uma abstração, mas é uma abstração que se faz diariamente no processo da produção social. A redução de todas as mercadorias a tempo de trabalho não é uma abstração maior nem menos real que a redução a ar de todos os corpos orgânicos. De fato, o trabalho assim medido pelo tempo, não aparece como trabalho de indivíduos diferentes, antes os diferentes indivíduos que trabalham aparecem normalmente como simples órgãos do trabalho (MARX, 1983, p. 34)

Mesmo adotando aqui uma perspectiva de pensar o conceito de consciência a partir de Marx, quer dizer, do ponto de vista do espaço externo – histórico, vida material e sociedade; é interessante pensar como esse conceito é fronteiro⁵ com a psicanálise e psicologia, áreas do conhecimento que estudam o espaço interno do indivíduo – afeto, desejos, paixão e cognição. No desenvolvimento da teoria do aparelho psíquico Freud afirma o seguinte:

A Psicanálise faz uma suposição básica, cuja discussão se reserva ao pensamento filosófico, mas a justificação da qual reside em seus resultados. Conhecemos duas espécie de coisas sobre o que chamamos nossa psique (ou vida mental): em primeiro lugar, seu órgão corporal e cena de ação, o cérebro (ou sistema nervoso), e, por outro lado, nossos atos de consciência, que são dados imediatos e não podem ser mais explicados por nenhum outro tipo de descrição. Tudo o que jaz entre eles é-nos desconhecido, e os dados não incluem nenhuma relação direta entre estes dois pontos terminais de nosso conhecimento. Se existisse, no máximo permitir-nos-ia uma localização exata dos processos da consciência e não nos forneceria auxílio no sentido de compreendê-los (FREUD, 1987, p. 157)

Nesse caso, a ideologia não seria um mero reflexo da realidade na mente dos homens, mas resultado de uma práxis social, isto é, uma atividade social que produz os objetos e o sentido dos objetos, aquela que a partir da experiência dos trabalhadores constroi abstratamente um sistema de ideias ou representações sobre a realidade.

Em suma, foi à luz do materialismo que Marx pôde pensar na concepção de ideologia como resultado de uma realidade material ou prática. Essa noção de ideologia será discutida especificamente na próxima seção.

⁵ Essa discussão em torno da razão enquanto fonte de enquadramento social e razão como fundamento do ser ficou conhecida nos anos de 1960, por exemplo, pensar a razão como uma categoria histórica significa dizer que a verdade nesse sentido seria processual. Podemos entender essa questão do ponto de vista sociogênico e psicogênico, assim como a corrente teórica da escola de Frankfurt tentou explicar processos sociais.

IDEOLOGIA, DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO E ALIENAÇÃO

Terry Eagleton, no seu texto sobre ideologia, tenta traçar um possível caminho para compreender o que é ideologia. Sem pretensão de definir o conceito, o mesmo traz alguns pontos que aqui selecionei a fim de embasar a argumentação que pretendo discorrer nas próximas páginas deste texto. São elas:

O processo de produção de significados, signos e valores na vida social; b) um corpo de ideias característicos de um determinado grupo ou classe social; c) ideias que ajudam a legitimar um poder político dominante; d) ideias falsas que ajudam a legitimar um poder político dominante; e) comunicação sistematicamente distorcida; f) aquilo que confere certa posição a um sujeito; g) formas de pensamento motivadas por interesses sociais; h) pensamento de identidade; i) ilusão socialmente necessária; j) a conjuntura de discursos e poder; k) o veículo pela qual atores sociais conscientes entendem o seu mundo; l) conjunto de crenças orientadas para a ação; m) a confusão entre realidade linguística e realidade fenomenal (EAGLETON, 1997, p. 15)

Marx e Engels acreditavam que os aparecimentos das ideologias davam-se na separação da divisão social do trabalho, pois percebiam como características a separação do trabalho manual e intelectual. Para compreendermos essa relação precisamos voltar ao que Marx denominou como separação entre a cidade e o campo.

O processo de industrialização no século XIX acarretou várias transformações na organização social europeia. As relações entre campo e cidade foram transformadas. Se no campo predominavam relações artesanais, na cidade essa configuração será modificada, ou seja, é nesse momento que os trabalhadores ganharam uma autonomia relativa do seu trabalho⁶.

Com a transição de uma sociedade tribal para uma organização política surge a figura do Estado como organizador dessa nova sociedade emergente. Com o Estado aparece, concomitantemente, a necessidade de uma burocracia

⁶ Para Marx, os trabalhadores na passagem do modo de produção feudal para o modo de produção capitalista, se “libertaram” dos grilhões que os prendiam, ou seja, das relações servis. Porém, no capitalismo os trabalhadores ganham esta “libertação”, mas não de forma autônoma, pois os trabalhadores são libertos não com as condições dos meios de produção, mas sem eles. Assim, os trabalhadores só têm a autonomia de vender a sua força de trabalho para os capitalistas.

a fim de administrar vários setores que esse requer, como arrecadação dos impostos e necessidade de organização política entre a população.

Nesse momento de transformações podemos perceber pela primeira vez a divisão da população em duas grandes classes sociais que para Marx são as duas grandes classes essenciais: proletários que vendem sua força de trabalho e burgueses que detêm os meios de produção (a definição de classes sociais para Marx é bem mais complexa que a divisão entre proletariado e burguesia, pois além destas duas classes fundamentais há também frações destas classes como também as classes médias que compõe a sociedade burguesa). Para Marx a oposição entre a cidade e o campo só pode existir a partir da legitimidade da propriedade privada.

Outra análise que podemos fazer como consequência da separação do campo e da cidade é a partição entre o capital e a propriedade da terra, como uma autonomização do capital em detrimento da propriedade da terra. Por exemplo, no período da Idade Média, o trabalho de cada trabalhador era sua única propriedade além do pequeno capital existente, que consistia quase exclusivamente nas ferramentas de trabalho mais necessárias que trazia consigo⁷.

Nesse período houve uma grande perseguição aos trabalhadores do campo pelos seus senhores, fazendo com que esses servos chegassem ocasionalmente às cidades, onde defrontavam com uma comunidade organizada e tendo dificuldades de se adaptarem àquele sistema na condição de agentes que apenas tem sua força física de trabalho para prestar.

Nas cidades, a divisão do trabalho entre as variadas corporações era ainda natural e, nessas próprias organizações, ela não firmava de forma alguma entre os diversos trabalhadores. Os trabalhadores precisavam estar preparados para realizar toda uma sequência de trabalhos e precisavam executar com suas ferramentas. O capital, nessas cidades, não pode ser considerado como o capital moderno financeiro que predomina hoje, mas sim que era herdado através das relações parentais, habitação, ferramentas etc.

⁷ Esse período é muito rico quando analisamos as relações sociais advindas da divisão social do trabalho, pois, nesse momento houve uma grande necessidade de uma organização militar para garantir determinados interesses de classes.

Com o surgimento do comércio e a expansão das cidades, as classes foram divididas. A burguesia só poderia se desenvolver gradualmente dentro das suas condições de existência; subdividindo-se, no que lhe concerne, em múltiplas frações de classe, de acordo com a divisão do trabalho, e termina incorporando em si todas as classes possuidoras preexistentes, ao mesmo instante que transforma no proletariado a maioria da classe não possuidora que existia anteriormente e uma parte das classes até então possuidoras, ou seja, toda propriedade é modificada em capital comercial ou industrial.

Com o desenvolvimento da manufatura, muitas nações, principalmente a europeia, entraram numa relação de concorrência, esforçando-se em lutas comerciais por meios de guerras, defesa de direitos alfandegários protecionistas e proibições, à medida em que, antes, as nações, quando em contato uma com a outra, preservavam entre si trocas inofensivas. Nesse sentido, percebemos que é a partir desse momento que o comércio passa a ser compreendido enquanto acepção política.

Nessa atividade, percebe-se que através da manufatura houve uma rápida aceleração da acumulação do capital móvel, enquanto que nas antigas corporações não existia nenhum incentivo para ampliar sua produção. Essa linha histórica aqui traçada foi fundamental para entendermos como o comércio e a manufatura influenciaram na criação da classe social que Marx vai chamar de burguesia. Enquanto que na manufatura tínhamos a pequena burguesia, que já não tinha tanta importância nas cidades, porém, precisava se submeter à dominação dos altos comerciantes.

No dicionário marxista a concepção dada por Marx sobre alienação significa:

[...] ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados [1] aos resultados ou produtos de sua própria atividade (e à atividade ela mesma), e/ou [2] à natureza na qual vivem, e/ou [3] a outros seres humanos, e – além de, e através de, [1], [2] e [3] – também [4] a si mesmos (às suas possibilidades humanas constituídas historicamente). Assim concebida, a alienação é sempre alienação de si próprio ou autoalienação, isto é, alienação do

homem (ou de seu ser próprio) em relação a si mesmo (às suas possibilidades humanas), através dele próprio (pela sua própria atividade). E a alienação de si mesmo não é apenas uma entre outras formas de alienação, mas a sua própria essência e estrutura básica. Por outro lado, a “autoalienação” ou alienação de si mesmo não é apenas um conceito (descritivo), mas também um apelo em favor de uma modificação revolucionária do mundo (desalienação) (BOTTOMORE, 1983. p. 19)

Para Marx, os homens só conseguem produzir suas condições de existência material através do intercâmbio e transformação da natureza. Ele compreende que a divisão do trabalho social não é uma simples divisão de tarefas, porém, a manifestação de algo fundamental na existência histórica, ou seja, a divisão entre as condições e instrumentos ou meios do trabalho e o próprio trabalho, atingindo, por sua vez, na desigual distribuição do produto do trabalho humano.

O processo de alienação do trabalhador se dá na medida em que ele mesmo não consegue mais se reconhecer enquanto produtor do fruto do seu trabalho, em outras palavras, submetem-se ao poder que conferem a esse outro o proprietário burguês. Nesse caso a relação de alienação e ideologia estão conectadas na medida em que as ideias serão compreendidas anteriores à práxis, ideologia nesse caso da alienação operária como uma disposição de um poder espiritual autônomo que comanda a ação material dos homens.

O fetichismo da mercadoria para Marx era compreendido como o produto do trabalho humano não sendo reconhecido por ele próprio, ou seja, o trabalhador não reconhecendo sua própria criação e isso segundo Marx seria fruto do trabalho alienado⁸. A concepção de alienação no pensamento do autor foi influenciada por Feuerbach, porém, enquanto ele partia do pressuposto dos indivíduos como seres isolados para explicar a ideia de alienação, Marx compreendia na interação com os sujeitos de suas relações sociais, ou melhor, sujeitos ativos.

Dois conceitos importantes na obra do autor são: infraestrutura e

⁸ Um filme que demonstra bem essa relação é Tempos Modernos, cujo personagem é protagonizado por Charlie Chaplin. Esse demonstra como o trabalhador passa a realizar atividades repetitivas no processo de produção industrial que resultam na alienação de sua “produção social”.

superestrutura. A infraestrutura seria as forças produtivas, relações de produção, isto é, a estrutura econômica da sociedade.

Já a superestrutura seria composta pela base da ideologia jurídica e política. Ainda sobre esse conceito, Marx acreditava que a classe trabalhadora tinha o poder organizativo/revolucionário sem o Estado, pois o Estado para Marx se dá de forma arbitrária, pois seria uma ideologia de uma classe-burguesa, colocando seus interesses particulares como universais, ou seja, ideologia para Marx é compreendida como sistema de dominação.

Ao analisar o sistema de produção capitalista o autor irá apontar suas contradições e segundo ele o capitalismo é um sistema essencialmente contraditório e que ciclicamente demonstra suas contradições através de crises. Mas na sua análise o mesmo acreditava e apontava que só a classe trabalhadora através da luta de classe poderia vencer, ou seja, o proletariado seria para Marx a classe com valor significativo para o processo revolucionário.

Por fim, pensando na posição exposta no início do texto, entendendo ideologia enquanto ideia que confere certa posição a um sujeito social, tentei nessa seção demonstrar como se deu a ascensão e a posição de dominação da grande burguesia em detrimento dos antigos trabalhadores camponeses, ou seja, em Marx uma possível compreensão de ideologia pode ser feita através das relações de poder e dominação.

Nesse sentido, Marx compreendia o conceito de ideologia como algo depreciativo, um conceito que acarreta uma certa ilusão, ou consciência deformada da realidade social que se dá através da ideologia dominante, ou seja, para o autor não há uma ideologia do proletariado, porém, os seus seguidores, os marxistas, possibilitaram um alargamento do conceito⁹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi desenvolvido nas seções acima, pode-se compreender a referência filosófica ou epistemológica de Marx para se pensar a noção de “ideologia”. Para entender o pensamento e as argumentações do

⁹ Lênin por exemplo, acreditava em uma ideologia da classe proletária.

autor, em sua interpretação da sociedade industrial, é preponderante olhar para suas raízes filosóficas, ou seja, a fonte da qual toda a estrutura de seu pensamento parte e se relaciona com outras concepções. Dessa forma, em contraposição ao idealismo dialético, Marx propõe uma teoria materialista, em que a dimensão da práxis é de suma importância não só para entender os fenômenos sociais da sociedade industrial, ou do sistema de produção capitalista, mas também é a partir dessa dimensão que se forma a própria consciência dos indivíduos, inclusive enquanto classe.

Ideologia, portanto, vai partir da concepção materialista do velho Marx. Assim, a falsa consciência das relações de dominação de classe parte de um contexto histórico e prático ao qual os trabalhadores, enquanto classe operária, foram e ainda são submetidos. Nesse sentido, o conceito de ideologia também se mostra bastante atual para se pensar não só na realidade dos trabalhadores, mas nas relações de dominação, superestrutura e infraestrutura.

Assim, a noção de ideologia (ver “ideologia de gênero”, “ideologia marxista”, “ideologia esquerdista” ou “ideologia comunista”) apropriada pela extrema-direita no Brasil, por exemplo, pode ser entendida como fruto de um projeto epistêmico “agnotológico”¹⁰, que esvazia o conceito de ideologia cientificamente discutido. Ao mesmo tempo, ironicamente, esse Estado e o discurso político propagado por seus representantes, difunde uma ideologia ligada à “superestrutura”, como Marx afirma, reproduzindo assim, uma posição social de dominação no âmbito da infraestrutura.

REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, Marilena de Souza. 2001. **O que é Ideologia**. 2a. edição. Editora Brasiliense - São Paulo.
- EAGLETON, Terry. 1997. **Ideologia Uma introdução**. Editorial Boitempo.
- FREUD, Sigmund. 1996. **Moisés e o Monoteísmo**. Editora Imago.
- KONDER, Leandro. 2002. **A Questão da Ideologia**. Editora Companhia das Letras.

¹⁰ Como defendeu a Profa. Dra. Cynthia Hamlin, em seminário apresentado no PPGS/UFPE em 16 de maio de 2019.



MARX, Karl. 1983. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. Tradução de Maria Helena Barreiro Alves; revisão de Carlos Roberto F.

_____. 1986. **A Ideologia Alemã**. Editora HUCITEC. São Paulo.

RUBIN, Illich Isaak. 1980. **A Teoria Marxista do Valor**. Editora Brasiliense.

